

# VITRINE DE CURIOSIDADES

## ESTICADOR DE CHAPÉUS ELÉTRICO

Metal e cerâmica  
A. 34 x C. 41 x L. 25,6 cm  
MAHR.2018.442

Este pequeno aparelho de ferro, na sua aparência de animal com uma grande cabeça e quatro pernas ou de um autómato que executa uma ação abrindo e fechando as suas quatro metades, surgiu-nos como um desses objetos estranhos que os antigos museus possuem quase sempre.

Ora trata-se apenas de uma forma ou esticador de chapéus que terá pertencido a uma das chapelarias existentes em Angra, desde, pelo menos, as últimas décadas do século XIX e que presentemente integra a Unidade de Gestão de Etnografia do Museu de Angra do Heroísmo.

José Félix da Costa, por volta de 1867, assinalava duas *fábricas de chapéus* – uma na Rua Direita e outra na Rua do Rego –, muito embora José Augusto Nogueira Sampaio, poucos anos mais tarde, a propósito das atividades económicas desta cidade, sob o título de *indústrias diversas*, refira somente a produção de chapéus de palha. Sabemos também, pelos anúncios dos jornais, da existência da Chapelaria Moderna no canto da Rua Direita com a Praça Velha, na década de 1930.

De qualquer modo, a utilização de um equipamento elétrico, capaz de ser ajustado a diferentes tamanhos, numa chapelaria angrense seria bem mais provável a partir dos anos 20, ou seja, depois da municipalização dos serviços de eletrificação da cidade e da resolução de algumas dificuldades iniciais, que subsistiram após a sua inauguração, em 1908 (cf. *Enciclopédia Açoriana*).

Será também por esta altura, nos idos de 1920, de 1930 e, sobretudo, de 1940, que o chapéu de feltro se vulgariza entre a população masculina. É vê-los em barda, nas tardes de tourada de praça e noutros encontros sociais, nas fotografias desses anos. A elegância ou aprumo do fato, chapéu e sapato chegava assim ao empregado do comércio e ao homem do campo. A verdade é que este sempre usou algum tipo de cobertura de cabeça – a vida ou o trabalho sol a sol assim o exigia, e o costume também – cobrir ou descobrir a cabeça fazia aliás parte de um rigoroso código de conduta.

O chapéu de feltro desses anos era o mesmo a que uma certa elegância ainda recorre, e que ficou conhecido pelos bonitos nomes de *fedora* ou de *borsallino*, e que nos evoca personagens míticas do cinema e da música. É um chapéu de forma idêntica ao também famoso *chapéu panamá*, diferindo apenas no material. Ao contrário deste, que é *tecido* em palha, a feitura de um chapéu de feltro exige a sua modelagem com base no calor, que neste caso é proporcionado por uma resistência elétrica, e que asseguram a manutenção da forma no tamanho desejado.